

## UM JARDIM, CORPOS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES...

MARTA LIZANE BOTTINI DOS SANTOS<sup>1</sup>; URSULA ROSA DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL 1 – [marta.lizane@gmail.com](mailto:marta.lizane@gmail.com) 1

<sup>2</sup> Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – [ursularsilva@gmail.com](mailto:ursularsilva@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto trata de se ocupar sobre uma pesquisa que versa de assuntos relativos ao corpo e o que demanda este tema. Alinha-se com questões pertinentes a práticas metodológicas docentes, e tencionam o arco de questões a partir de um viés cartográfico de pesquisa, e tal estudo se faz no Programa de Pós-graduação de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; produzindo/propondo inquietações desde tempos em que esta aluna – agora pesquisadora – cursa sua Licenciatura em Artes Visuais nesta Universidade (2012), amenizando suas aflições quando encontra na literatura pós estruturalista suporte para responder algumas de suas agitações acerca do tema.

O tema é extenso e palco para observações e discussões em muitas áreas do conhecimento: Filosofia, Artes, Ciências Biológicas, Educação, entre outras, e, possibilita criar linhas que escapam ao diálogo à medida que vamos adentrando ao tema e sendo atravessados por questões inquietantes que pedem a palavra ao tratar deste assunto, e para além das univocidades de que tratam tais ciências, não quero aqui derrubar as frutas que já sem forças, mal conseguem suportar os ventos que tocam suas faces, mas sim, apanhar algumas destas frutas que podre estão e limpar um pouco, arejar/permitir que entre um sopro de ar fresco por entre seus galhos, que tortos nos levam a muitos lugares...

O que se pretende ao tratar do corpo nesta pesquisa é antes de tudo, pensá-lo em sala de aula, como se portam? Como é pensado? Se é pensado? Como professoras dos anos iniciais do ensino fundamental tratam tal assunto e se tratam como criam possibilidades de pensar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre este corpo. Portanto, algumas destas linhas que escapam levam ao conceito, por exemplo, de corporeidade que segundo Ahlert (2011, p. 04) “indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta”. Cabe aqui tencionar o arco de questões e perguntar: este corpo que preenche espaço se movimenta em sala de aula?

### 2. METODOLOGIA

A proposta da pesquisa utiliza o método cartográfico de pesquisa proposto por Deleuze e Guattari (1995) o qual possibilita trabalhar de um modo onde o que nos interessa mais são os processos, e não o que resulta das investigações, ou seja, as oscilações da/na construção das atividades, as discussões, o que se propôs a fazer, e como foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008). “A proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres e não a conclusão” (CAMPELLO, 2016), portanto, faço cartografia quando me proponho a ler, escrever; reescrever e sempre inquietar-me com o que esta sendo produzindo, ou com o que esta sendo e como esta sendo problematizado. a

Cartografar é sempre pensar maneiras novas, ou não, de questionar o que nos afeta. O que produz encontros.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ariadne encomendou o princípio de seu fim ao se apaixonar por Teseu e dar-lhe seu novelo de ouro, este se entrega a Minotauro para enfim derrotá-lo, e deste modo conseguir a façanha de escapar do labirinto de Dédales e acabar com os sacrifícios que eram impostos a Atenas. O fio de Ariadne é uma metáfora que trata da jornada interna que fazemos pelo autoconhecimento. Do exercício do olhar sobre... Do fazer-se, do formar-se. Do Experimentar. Do estar à espreita, e estar à espreita é estar aberto ao que te acontece, ao inesperado. “Estar à espreita envolve o mover-se em meio a, dentro de, envolve o risco de criar e criarse, de ser tocado por, de tocar em...” (CAMPOLLO, 2016). Ao tratar de corpo, de espanto pensando na perspectiva do encontro, não o encontrar alguma coisa ou alguém, mas sim se encontrar-espantar com alguma coisa ou alguém, onde este encontro nos arrebate, nos move, nos crie um novo território, buscamos então em autores pós-estruturalistas, e a partir deles um viés para explorar a possibilidade deste instrumento criador, o corpo, para pensar-possibilitar um modo particular de estar, de fazer-se, de espantar-se, de olhar e compor com o que está dado, tratando de singularizar esta experiência e provocar encontros ao bem ou ao mal e dele explorar o que há para ser explorado no mais ínfimo do devir. “Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Um devir “é observar com olhar aguçado, perceber o mínimo que não se mostra, é entregar-se à paisagem e compor com ela, desconstruir e fazer-se nela” (CAMPOLLO, 2016) é sentir o encontro das forças que movem este corpo a espantar-se.

*[...] sinta o ar fresco que surge com aroma de gozo de abelhas e de mulher que toca suas facetas, sinta o bálsamo de flor de minhas virilhas invadirem tuas narinas e te levar por entre este jardim movediço que sou... - A autora -*

Deste modo, aguçar o olhar é espantar-se é aguçar a sensibilidade é tornar este corpo instrumento... Pois, sou olho, sou boca, sou pele, sou anus e sou a roupa que visto a comida que como, a imagem que faço de mim e sinto com todas as células que me compõem meu entorno, sou a experiência que faço disso um acontecimento, uma singularidade. O acontecimento é algo que me atravessa, me rasga e me desloca.

*Não posso me pensar como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam* (MERLO-PONTY, 1971)

A educação do corpo, atualmente assume um papel significativo como prática pedagógica, o ser humano é elemento fundamental da educação e está em constante movimento, é fluido, é líquido e neste sentido, se faz necessário o desenvolvimento de novas alternativas para o ‘fazer pedagógico’, este que destaque-se, que produza sentido, que faça gerar inquietações, provocações,

onde possamos ter um entendimento, no mínimo, mais consistente e reflexivo acerca de questões corporais. “O corpo é o fundo continuado para os gestos que vão e vêm” (BOEHM, 2015). Perceber e estudar o corpo a partir das suas singularidades, dos atravessamentos que os conduzem a intenções e formas de percepções do mundo. Tecer linhas “afferentes/eferentes que levam e trazem experiências, sensações, toques, encontros, possibilidades, a epiderme com o dentro e o fora se fazendo com o todo, o corpo que se faz sentir no encontro” (CAMPELLO, 2018) a construção de pensamentos e idéias, como pontos do rizoma que se ligam a outros e outros e desta forma fruem estas linhas...

#### 4. CONCLUSÕES

Ao refletir sobre o estudo deste tema nesta pesquisa em vias de se aprontar, ao menos por agora, sobre a opção de argumentos indicativos ao corpo pretende-se com isso potencializar reflexões sobre ajuizamentos sociais, que desde a infância forjam sujeitos. Ao trabalhar com processos de subjetivação, oferecendo a proposta de intervenções de jardins, neste trabalho buscou-se trazer reflexões sobre o corpo em sala de aula, trazendo a discussão observações de autores que problematizam este tema, aliando a estas falas inquietações observadas em sala de aula enquanto este corpo é manancial de possibilidades aos professores e alunos a ser explorado de diferentes formas, em prol ao processo de aprendizagem de técnicas, expressões e a fruição, potencializando o lado ‘criador’ e lúdico da criança para que transborde e extravase de forma consciente e criativa.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOEHM, G. **Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica.** In Alooa, Emmanuel. **Pensar a imagem.** Emmanuel Alooa (org.). – 1 ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CAMPELLO, R. L. G. **Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino.** 2016. 78f. Dissertação (mestrado) - Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

CAMPELLO, R. L. G. FARINA, C. **Professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador...** Revista Paralelo 31 - ISSN: 2358-2529 Ed. 8 - Julho 2017 Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13293/8212>> acessado 22/03/18

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível.** Trad. José Arthur Gianotti e Armando Mora d’Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

KASTRUP, V. **O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção** In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>> acessado em 30/08/2015.